

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

**22^a REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
BRASÍLIA, 16 A 19 DE JULHO DE 2000**

**FÓRUM DE PESQUISA 20:
TEORIAS ETNOGRÁFICAS DA SEGMENTARIDADE**

**Coordenadores:
Tânia Stolze Lima (UFF)
Márcio Ferreira da Silva (USP)**

Elaborada por Durkheim no intuito de caracterizar sociedades tidas como simples, a noção de *segmentaridade* foi convertida em conceito operacional ao longo dos anos 40 pelos antropólogos britânicos que estudavam os "sistemas políticos africanos". Resumidamente, tratava-se de demonstrar que na ausência do Estado, outras instituições sociais, as *linhagens*, desempenhariam funções consideradas próprias a ele. As oposições diacrônicas entre sociedades baseadas no *status* ou no *contrato* foram rebatidas na sincronia, e as "sociedades segmentares" caracterizariam a mediação entre o "sangue" e o "território".

A noção de segmentaridade foi assim incorporada à teoria dos grupos de descendência, a qual foi objeto de críticas desde pelo menos o final da década de 50. Por outro lado, mais recentemente, a noção vem sendo recuperada através de um duplo processo de distensão e de refinamento conceituais. É preciso admitir inicialmente que a segmentação pode operar não só em contextos etnográficos onde o tempo social não é determinado como tempo genealógico, mas também segundo outros regimes, em que os processos de fusão e fissão não são tomados como princípio de totalização de sociedades de um certo tipo. Torna-se possível, assim, "generalizar" o conceito, livrando-o da "grande divisão" entre sistemas segmentares e sistemas estatais, ou entre sociedades "primitivas" e "modernas".

O objetivo deste fórum é justamente reunir pesquisadores que trabalham com grupos sociais ameríndios ou urbanos, e que acreditam ser a noção de segmentaridade um instrumento eficiente para o trabalho etnográfico. Mais do que isso, que acreditam ser essa noção uma ferramenta capaz de articular o nível mais analítico da investigação com dimensões mais abrangentes, funcionando assim como chave para a construção de "teorias etnográficas" passíveis de justaposição e de interfecundação. Esperamos, desse modo, que as comunicações a serem aqui apresentadas obedeçam a três critérios básicos: viés etnográfico; dimensão comparativa; emprego da noção de segmentaridade.

1ª Sessão (17/07)**RELIGIÃO, UM PRINCÍPIO DE SEGMENTAÇÃO MODERNO**

Emerson Giumbelli (PUC/RJ)

NOTAS SOBRE UM CONFLITO NO SERTÃO

Ana Cláudia D. R. Marques (MN/UFRJ)

O PRINCÍPIO AGNÁTICO ENTRE OS CINTA-LARGA E O MODELO DA AFINIDADE AMAZÔNICO

João Dal Poz (UFMT)

SEGMENTARIDADE E PARENTESCO NA AMAZÔNIA

Marcio Silva (USP)

2ª Sessão (18/07)**SEGMENTARIDADE, CAPTURA E RESISTÊNCIA NO MOVIMENTO NEGRO DE ILHÉUS, BAHIA.**

Marcio Goldman (MN/UFRJ)

DUALISMO OU MULTIDUALISMO? DE CLãs E NOMES ENTRE OS BORORO

Marcela Stockler Coelho de Souza

DUALISMO E HIERARQUIA

Tânia Stolze Lima (UFF)

3ª Sessão (19/07)**SEGMENTARIDADE, RITUAL E PROCESSO SOCIAL ENTRE OS XIKRIN-KAYAPÓ.**

William H. Fisher (College of William and Mary)

SEGMENTARIDADE E TRÁFICO DE DROGAS NO RIO DE JANEIRO.

Antônio Rafael (MN/UFRJ)

ÁREA INDÍGENA PANAMBIZINHO: UM ESTUDO DE CASO.

Katya Vietta (Universidade Católica Dom Bosco/MS)